

DIFERENÇA E DESCOBRIMENTO O QUE É O IMAGINÁRIO?

(A HIPÓTESE DO EXCEDENTE DE SIGNIFICAÇÃO)

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Laranjeira – UTP
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

JUREMIR MACHADO DA SILVA

DIFERENÇA E DESCOBRIMENTO
O QUE É O IMAGINÁRIO?

(A HIPÓTESE DO EXCEDENTE DE SIGNIFICAÇÃO)



Editora Sulina

© 2017, Juremir Machado da Silva

Capa: Humberto Nunes

Projeto gráfico e editoração: Clo Sbardelotto / Fosforográfico

Revisão: Simone Ceré

Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

S586d Silva, Juremir Machado da
Diferença e descobrimento. O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação / Juremir Machado da Silva. – Porto Alegre: Sulina, 2017.
175 p.

ISBN: 978-85-205-0781-0

1. Sociologia da Comunicação. 2. Imaginário – Sociologia. 3. Filosofia.
4. Sociologia. 5. Comunicação Social. I. Título

CDU: 301.153.2

CDD: 316.77

Todos os direitos desta edição reservados

à EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 – conj. 101

CEP: 90035-190 – Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3311-4082

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Abril / 2017

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

“O caminho é um caminho do pensamento.”

Heidegger

“Necessitamos de um mundo imaginário para descobrir os traços do mundo real que supomos habitar (e que, talvez, em realidade, não passe de outro mundo imaginário).”

Paul Feyerabend

“O imaginário – isto é, o conjunto de imagens e de relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens* –, nos aparece como o grande denominador fundamental onde se alojam todos os procedimentos do pensamento humano. O imaginário é o cruzamento antropológico que permite iluminar a abordagem de uma ciência humana com a abordagem de outra.”

Gilbert Durand

“Os modos do imaginário seguem a evolução das tecnologias.”

Jean Baudrillard

Agradecimentos

Ao meu grande mestre e amigo Michel Maffesoli, que me introduziu nos mistérios maravilhosos do imaginário e me ensina a cada momento a nunca desistir de pensar livre e provocativamente. A Edgar Morin, pelas aulas aplicadas de complexidade e pelo espírito do tempo. A Jean Baudrillard, *in memoriam*, pelas dúvidas, paradoxos e ironias. Ao meu amigo Michel Houellebecq, que não se atemoriza quando se trata de vasculhar o imaginário social unificando ficção e realidade. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa (CNPq), pela bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ-1B) que vem me permitindo ao longo dos anos pesquisar sem amarras sob um guarda-chuva intitulado “como se produzem os imaginários”, acumulando minhas obras e minhas obsessões.

Sumário

1. Retorno ao local do conceito / 11
2. O que pode ser o imaginário? / 24
3. Imaginário, comunicação e jornalismo / 32
4. As múltiplas realidades imaginais / 39
5. Imaginário, simbólico e hiper-realidade / 44
6. Imaginário e surrealismo / 50
7. Imaginário e super-realidade / 58
8. Imaginário e irrealidade / 67
9. O imaginário na realidade e a realidade no imaginário / 74
10. A doença do imaginário / 78
11. Das seis fases da “bacia semântica” de Gilbert Durand às nove etapas do imaginário como recobrimento do banal: vazamento, infiltração, acumulação, evocação, transbordamento, deformação, transfiguração, metáfora, derretimento e evaporação / 80
12. Imaginário e História / 85
13. Imaginário e agendamento / 94
14. Imaginário e “pro-vocação” / 102
15. Recobrimento e depósito / 110
16. Uma canção “imaginária” de Chico Buarque / 114
17. “Nós” do imaginário / 120

18. Imaginário e ideologia / 122
 19. Imaginário como caminho do sentido / 126
 20. Imaginário e interpretação / 130
 21. Imaginário e devaneio / 136
 22. Imaginário e revelação / 138
 23. Diferença e descobrimento / 141
 24. Diferença e fantasia / 145
 25. Ilusão descritiva, outro nome do positivismo / 149
 26. Floresta encantada / 157
 27. Lembranças ardentes / 160
 28. Um pomar / 162
 29. O imaginário como colagem / 165
- Referências / 171
- Sobre o autor / 175

1. Retorno ao local do conceito

O sentido só se dá no imaginário.

O excedente é uma falta.

Uma falta no que faz sentido.

Para falar de imaginário é fundamental tomar uma recomendação de Gilbert Durand, mais importante pensador dessa noção, como princípio:

Mais do que nunca reafirmamos que todos os problemas relativos à significação, portanto ao símbolo e ao imaginário, não podem ser submetidos – sem falsificação – a uma única linha das ciências humanas. Todo antropólogo, seja ele psicólogo, sociólogo ou especialista em psiquiatria, deve ter uma cultura tal que supere em muito – pelo conhecimento de línguas, povos, história, civilizações – a magra bagagem fornecida por nossas universidades sob o título de diploma de Psicologia, Sociologia, estudos de medicina... Para poder falar com competência do imaginário não se pode confiar na exiguidade ou nos caprichos da própria imaginação, mas possuir um repertório quase exaustivo do imaginário normal e patológico em todas as camadas culturais que nos chegam pela história, pelas mitologias, pela etnologia, pela linguística, e pela liter (1992, p. XXI)¹.

¹ Tradução do autor.

A complexidade compreensiva exige espíritos dispostos a enfrentar a miséria dos especialistas e dos seus campos cercados com arame farpado. Durand, citando seu mestre Gaston Bachelard, precisa: “A imagem só pode ser estudada pela imagem”. O sentido é sempre uma construção enredada.

Essas afirmações ficarão em suspenso por agora. Será possível, mais tarde, esclarecê-las? O que se deve esperar do esclarecimento? Uma iluminação ou uma análise definitiva? A palavra imaginário incendeia as imaginações. Está por toda parte. Tem as suas tecnologias. Engole outras – ideologia, subjetividade, cultura –, mais amplas ou de maior reputação, antes mais cotadas no mercado competitivo e cruel dos conceitos. Uma pergunta viral se impõe a cada dia: o que é imaginário? A iluminação do imaginário obscurece territórios aparentemente fulgurantes da razão tida como solar.

O sentido se dá no imaginário.

Em princípio, o imaginário não pode caber num axioma. O paradoxo do imaginário, no entanto, pode ser essa capacidade de definição do indefinível por uma astúcia da linguagem: a sentença de teor relativo, a sentença não sentenciosa, uma fala, um discurso, recurso.

As pistas do imaginário são rastros da imaginação que se disseminam na teia do cotidiano. Que linguagem pode conter o imaginário? Essa contenção deve ser tomada como um dique ou como uma represa? O imaginário é uma ruptura do dique ou uma criação da imaginação que enche as bacias de sentidos represados? Como expressar esse imaginário que escorre, infiltra-se, transborda e irriga o vivido? O imaginário aparece como trama, rede, bifurcação, encontro e fantasia. Cada vez mais, alaga o campo das ciências, que se

deixam fascinar e, ao mesmo tempo, espantar. A fascinação abre espaços para o estudo do imaginário como categoria do conhecimento. O espanto leva a que se ergam novos diques na tentativa de impedir uma contaminação do objetivo pelo subjetivo. Seria o imaginário uma categoria fantasiosa contrária ao rigor científico e ao primado da racionalidade? Seria possível, para exprimir o imaginário, mesclar discursos argumentativos e artifícios literários da sensibilidade?

Exemplo. Seráfítus ama Minna e é correspondido no seu sentimento, o que já implica uma relação imaginária. Ela o toma por um homem. O que é um homem? O que é ser homem? Wilfrid toma Seráfítus por uma mulher, que chama de Seráfita, a quem ama perdidamente. O que é uma mulher? O que é ser mulher? Como é possível que essa ambiguidade se torne convincente? Tudo isso acontece no ambiente estranho e nebuloso de um castelo norueguês. Esses personagens movimentam-se num romance de Honoré de Balzac. O real escapa a cada linha como se não passasse de uma vaga referência literária. Paradoxalmente o inverossímil não deslegitima ou falseia a narrativa. O romancista situa o relato num universo duplamente imaginário, o da literatura, com suas veredas ora luminosas, ora obscuras, e o da vida para além dos estreitos limites da racionalidade socialmente aceita.

Essa história concebida por Balzac caminha no fio da navalha entre a imaginação e o imaginário, entre o claro e o escuro, o dia e a noite, o claro-escuro. A ambiguidade é o seu ponto de apoio. Cada passo da narrativa suscita um questionamento sobre a veracidade da situação e outro sobre a plausibilidade do real como ele é usualmente situado numa perspectiva racionalista. O fundamento do imaginário encon-

tra-se nessa ambivalência que permite alternar o masculino e o feminino, o diurno e o noturno, a afirmação e a negação, o vivido e o sonhado, o vivido como algo sonhado, o sonhado como uma vivência.

O imaginário é uma noite, estrelada ou não, na qual o viajante se perde na névoa das constelações ou na bruma sem ter pretendido abrir caminho na madrugada, como um personagem andrógino cuja identidade flutua ao sabor dos encontros e separações. Há um caráter de aventura inesperada nessa distorção da percepção que inventa mundos, produz lendas, alimenta mitos e impõe verdades tão especiais e únicas quanto as visões de um narrador. A principal característica do mito é justamente a sua incontestabilidade. Diante da irracionalidade do mito, a desconstrução racional torna-se um investimento irracional impulsionado pela inveja, pelo ressentimento ou pela incapacidade de se aceitar a “verdade dos fatos”. O mito, como o imaginário, pretende ser positivo e inacessível, afirmativo e suficiente. Essa inacessibilidade, porém, não significa não poder entrar nele, mas não poder sair. A figura do mito é o círculo.